

REFLEXÕES EM CONTEXTO DE PANDEMIA - É POSSÍVEL PESQUISAR O MOVIMENTO SEM SAIR DO LUGAR?¹

¹ Agradeço a leitura atenta e crítica de Andressa Caroly e Jean Segata.

THIAGO LUZ*

* Mestrando em Antropologia Social, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). Licenciado em Ciências Sociais (UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos em Educação e Transgressão (GEETRANS/UFRGS). Pesquisador da Rede Covid-19 Humanidades MCTI. Correo electrónico: light.thiago@gmail.com

Fecha de recepción: 23/04/2021. Fecha de aceptación: 09/06/2021

Resumo: O presente texto apresenta, na primeira parte da narrativa, alguns dos percursos que realizei ao longo da elaboração de minha ideia inicial de pesquisa de mestrado, de modo a contemplar, também, como essa investigação científica foi afetada pela atual pandemia. Na segunda parte da narrativa apresento, portanto, os caminhos que venho seguindo, de modo a apresentar algumas considerações e reflexões sobre os desafios e potencialidades de se realizar uma etnografia sobre o movimento em um contexto pandêmico, no qual a mobilidade está drasticamente reduzida. Com a exposição desses dois momentos pretendo contribuir com discussões que evidenciem como pesquisar pode ser um processo de intenso aprendizado.

Palavras-chave: Movimento, Pandemia, Pesquisa científica, Etnografia, Mobilidade.

Resumen: Este texto presenta, en la primera parte de la narrativa, algunos de los caminos que tomé durante la elaboración de mi idea inicial de investigación de maestría, con el fin de contemplar también cómo esta investigación científica se vio afectada por la actual pandemia. En la segunda parte de la narrativa presento los caminos que he tomado, con el fin de presentar algunas consideraciones y reflexiones sobre los desafíos y potencialidades de realizar una etnografía del movimiento en un contexto pandémico, en el que la movilidad se reduce drásticamente. Con la exposición de estos dos momentos pretendo contribuir con discusiones que muestren cómo la investigación puede ser un intenso proceso de aprendizaje.

Palabras clave: Movimiento, Pandemia, Investigación científica, Etnografía, Movilidad.

Abstract: This text presents, in the first part of the narrative, some of the paths that I took during the elaboration of my initial idea of master's

research, in order to also contemplate how this scientific investigation was affected by the current pandemic. In the second part of the narrative, therefore, I present the paths that I have been following, in order to present some considerations and reflections on the challenges and potential of carrying out an ethnography on movement in a pandemic context, in which mobility is drastically reduced. With the exposure of these two moments, I intend to contribute with discussions that show how research can be an intense learning process.

Keywords: Movement, Pandemic, Scientific research, Ethnography, Mobility.

Começando a caminhada

Durante o segundo semestre do ano de 2019 planejei dois objetivos acadêmicos: finalizar minha licenciatura em Ciências Sociais e me preparar para a seleção do mestrado em Antropologia Social de minha Universidade. Com muita felicidade, obtive êxito em ambos os objetivos: entreguei minha monografia final à Comissão de Graduação do Curso de Ciências Sociais e fui aprovado no processo seletivo para a turma de 2020 do mestrado em Antropologia Social.

Minha ideia de pesquisa para o mestrado – que já vinha sendo pensada desde 2017 – tinha como foco realizar uma etnografia com pessoas, conhecidas como trilheiros, que realizam trilhas de longa duração pelas paisagens do Rio Grande do Sul (Brasil). A intenção estava em dialogar teoricamente, principalmente, com o campo da Antropologia do Corpo, na tentativa de compreender a produção do corpo que caminha durante longos percursos, e o campo da Antropologia Ambiental, na tentativa de compreender as relações que se estabelecem entre as pessoas e os ambientes. Trazia comigo, também, uma forte inspiração advinda dos trabalhos das pesquisadoras feministas Donna Haraway (2008) e Anna Tsing (2019) sobre as relações entre humanos, não-humanos, ambientes e suas composições de mundos. Assim como uma forte proximidade com as elaborações do antropólogo Tim Ingold sobre percepção e sintonia, pois como aponta o autor “a essência da ação não reside na premeditação, mas no estreito acoplamento do movimento corporal e da percepção [...]. O praticante habilidoso é aquele que pode continuamente sintonizar seus movimentos com as perturbações no ambiente percebido [...]” (Ingold, 2015: 151). Logo, a ideia estava em compreender como ao caminhar, ou melhor, trilhar determinado percurso, as pessoas que realizam essa ação ajustam sua percepção para estarem em ressonância com o ambiente onde caminham para que, assim, possam prosseguir seu trajeto, mesmo com desafios a frente.

Metodologicamente, a pesquisa estava organizada para ser efetivada através de uma etnografia presencial, na qual eu também realizaria o percurso de determinadas trilhas junto de meus interlocutores, para que fosse possível experienciar e ser afetado (Favret-Saada, 2005), na medida do possível, pelas dinâmicas e processos do campo de pesquisa. Levava comigo, portanto, a ideia de Handerson Joseph (2019: 237) de que “Não é possível

abordar etnograficamente a mobilidade permanecendo em um único lugar”.

E como meu objeto de pesquisa dialogava diretamente com o deslocamento através do andar, a pesquisa aliava-se à ideia de *ethnography of walking* (Ingold & Vergunst, 2008). Conforme esses dois autores, os etnógrafos, embora realizem muito de seu trabalho de campo sobre os pés, caminhando junto de seus interlocutores, quando iniciam o movimento da escrita, o ato de caminhar em si mesmo é ignorado:

Once they come to write up their results, however, it – o deslocamento em si – tends to be side lined in favour of ‘what really matters’, such as the destinations towards which people were bound or the conversations that happened en route [Uma vez que eles escrevem seus resultados, no entanto, isso – o deslocamento em si mesmo – tende a ser deixado de lado em favor do que ‘realmente importa’, como os destinos para os quais as pessoas se dirigiram ou as conversas que aconteceram no caminho]. (Ingold & Vergunst, 2008: 03, *minha tradução*).

Assim, a proposta dos autores é a de que em nossos textos etnográficos o caminhar também seja privilegiado enquanto um importante elemento teórico-metodológico a ser pensado. Essa abordagem analítica, proposta pelos pesquisadores, é interessante, também, pois pode ser alinhada às discussões da Antropologia do Corpo, já que nos ajuda a prestar atenção em como o processo do movimento é realizado pelas pessoas. Assim, em relação às trilhas de longo percurso, essa abordagem é frutífera, pois contribuiria para pôr em prática um olhar mais cuidadoso, por exemplo, a

How do they – os interlocutores – prepare and set out, and how do they carry on through places in which, for any number of reasons, it may be difficult to walk? [Como eles – os interlocutores – se preparam e partem, e como percorrem lugares nos quais, por uma série de razões, pode ser difícil andar? (Ingold & Vergunst, 2008: 03, *minha tradução*).

Ademais, unindo um gosto pessoal pelo desenho e as discussões antropológicas sobre o desenhar (Ingold, 2015; Kuschner, 2016; Taussing, 2011) a pesquisa estava orientada para produção de desenhos etnográficos, para além da escrita acadêmica tradicional. Todavia, antes de traçar uma cisão entre a escrita e o desenho ou de delinear o desenho como um complemento da escrita ou vice-versa, buscar-se-ia experimentar uma antropologia gráfica para tentar “[...] escapar da polaridade da imagem e do texto, e mais uma vez restaurar a disciplina da antropologia para a vida” (Ingold, 2015: 262).

Entretanto, a despeito das discussões elencadas, a pesquisa que venho desenvolvendo ao longo dos anos de 2020 e 2021 não é a descrita nas linhas acima. Em março de 2020, poucos dias após o início do semestre letivo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou que o mundo vivenciava uma nova pandemia mundial, dessa vez tendo relação com o vírus Sars-CoV-2. E rapidamente nossa vida mudou, e expressões como distanciamento social, *home office*, quarentena, *lockdown* e medidas de biossegurança

começaram a fazer parte de nosso cotidiano. As atividades presenciais em minha Universidade, tão logo a declaração da OMS foi emitida, foram suspensas. Um limbo se instaurou. Pouco sabíamos sobre o que aconteceria dali em diante e o que sabíamos não era nada animador. Minha pesquisa, foco do presente texto, ficou abalada. Seu cerne era a mobilidade e o deslocamento, que no cenário pandêmico estão drasticamente reduzidos o-u, pelo menos, orientados para uma redução. Como pesquisar o movimento sem se movimentar, portanto? A saída foi repensar, rearticular, reelaborar a pesquisa. Como apontou Veena Das (2020) a pandemia deslocou nossas pesquisas e focos analíticos, assim, como importante campo de conhecimento é pertinente que a Antropologia se atente para o contexto social vigente. A seguir, apresento, então, como minha pesquisa foi transformada, na tentativa de produzir análises – mesmo que singelas – sobre nosso cenário atual.

Movimentando a pesquisa – deslocamentos entre o desejado e o possível

Um dos primeiros sentimentos que experimentei foi o de frustração. Como apontei anteriormente, a pesquisa que pretendia desenvolver estava sendo elaborada desde meados de 2017. Foram dois anos desenhando um campo empírico e articulando um arcabouço teórico-metodológico pertinente. Certamente não acredito que tudo que tinha planejado aconteceria exatamente da maneira como imaginava, pois, se assim fosse, não precisaria realizar uma pesquisa científica. Todavia, iniciar do zero uma nova proposta me parecia impensável, ainda mais no meio de uma pandemia. Fiquei cerca de três meses (de março a junho) com a cabeça cheia de ideias, medos e inseguranças, pois a cada dia que passava, a pandemia, no caso brasileiro, ia se intensificando, e no meu caso, ainda estava sem um orientador definitivo. Entretanto, a certa altura tomei coragem e redigi um *e-mail* para um professor de meu Programa de Pós-Graduação com o qual já havia realizado algumas disciplinas. Nesse *e-mail* contei um pouco sobre minha ideia de pesquisar trilhas de longo percurso e minha atual situação – que correspondia a uma mistura de desânimo, desesperança e apreensão. Nossa conversa não poderia ter sido melhor: encontrei acolhimento, palavras de incentivo e um orientador para meu mestrado. Um alívio necessário àquela altura.

Em nossas conversas, o professor me contou que estava coordenando uma pesquisa encomendada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) brasileiro sobre a pandemia de COVID-19. Essa grande pesquisa, organizada por meio de uma rede interinstitucional de pesquisadores e pesquisadoras das áreas de humanidades, tem como propósito investigar e compreender os efeitos sociais da pandemia; então, diferentes análises, com diferentes temáticas, estão sendo conduzidas por meio da rede². Assim, a rede desenvolve análises, por exemplo, sobre trabalhadores da saúde, idosos, trabalhadores de frigoríficos, povos indígenas, trabalhadores de aplicativos, dentre outras.

Mais algumas conversas se desenvolveram entre nós, na tentativa de

² A rede de pesquisadoras e pesquisadores em questão é a Rede Covid-19 Humanidades MCTI. Para mais detalhes sobre a atuação da Rede, assim como visualizar seus projetos, ver: <https://www.ufrgs.br/redecovid19humanidades/index.php>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.

chegarmos a um denominador comum que pudesse aliar meus interesses de pesquisa e a proposta da rede. Chegamos a duas possibilidades: realizar uma pesquisa com trabalhadores da educação (tendo em vista minha formação em licenciatura em Ciências Sociais e alguns trabalhos anteriores desenvolvidos sobre educação) ou realizar uma pesquisa com guias de turismo (tendo em vista minha proposta inicial de pesquisa). Optei pela segunda possibilidade, pois seria possível criar diálogos com meu referencial teórico-metodológico, e desde meados de 2020, portanto, integro essa rede de pesquisadoras e pesquisadores, conduzindo uma pesquisa sobre os efeitos da pandemia no setor de turismo do Rio Grande do Sul (Brasil).

Logo, a pesquisa que venho desenvolvendo tem se demonstrado como uma potente possibilidade de tecer reflexões pertinentes sobre nosso contexto sociopolítico atual, como nos convida a fazer Veena Das (2020). Assim como tem expandido meu horizonte teórico, me possibilitando criar interessantes interlocuções entre temas, autores, autoras e abordagens epistemológicas, embora não seja minha tão sonhada ideia original – mas que pesquisa ocorre exatamente como planejamos, não é?

Trilhando novos rumos – alguns desafios ao longo do caminho

Se o encontro de um novo projeto de pesquisa me possibilitou certo alívio e conforto em meio à experiência da angústia, isso não aconteceu sem o surgimento de novos desafios. Pesquisar turismo nunca tinha sido algo que havia cogitado, sequer conhecia a fundo os debates desse campo antropológico de pesquisa. Minha tarefa atual, portanto, tem sido a de arregaçar as mangas e me locomover entre minha ideia original e minha pesquisa atual. A seguir, apresento como vem acontecendo o percurso de minha pesquisa em curso, na tentativa de demonstrar como uma pesquisa científica é permeada por fluxos e como sua elaboração necessita estar aberta a esses fluxos, mesmo que, quase sempre, eles nos desestabilizem e nos conduzam a situações nas quais o pesquisador ou a pesquisadora precisa (re)avaliar sua pesquisa.

Uma de minhas primeiras surpresas, ao debruçar-me sobre as discussões antropológicas sobre turismo, foi a descoberta de uma espécie de discordância entre autores e autoras a respeito da existência ou não de um subcampo denominado Antropologia do Turismo. Para Patrícia Ramiro (2019) e Saskia Cousin & Thomas Apchain (2019), por exemplo, não existe uma antropologia do turismo, devido à falta de um arcabouço teórico-metodológico comum entre pesquisadores. Entretanto, para Xerardo Pereiro & Filipa Fernandes (2018) há, além de uma antropologia do turismo, uma antropologia dos turistas³. Porém, apesar dessa discordância, as pesquisadoras e os pesquisadores supracitados concordam com a existência de uma preocupação antropológica sobre o fenômeno do turismo. Assim, para além da constituição ou não de um subcampo, é inegável a existência de pesquisas empíricas a respeito do turismo, realizadas com diferentes enfoques e a partir de diferentes perspectivas, que conferem a esse fenômeno relevância e importância científica. Cito, por exemplo, a etnografia de

3 Não cabe no escopo desse texto esmiuçar os argumentos das pesquisadoras e dos pesquisadores a respeito de suas posições teóricas em relação ao turismo como um subcampo de pesquisa antropológica. Todavia, apresento essas duas vertentes de forma a ilustrar um dos primeiros contatos que tive com as discussões da antropologia envolvendo o turismo.

Rodrigo Toniol & Carlos Steil (2016), sobre caminhadas na natureza, que nos auxiliam a compreender os efeitos do turismo em comunidades rurais do sul do Brasil, a nível social, político e econômico. Venho me deparando, portanto, com potentes análises de diferentes pesquisadoras e pesquisadores que têm demonstrado a efervescência dessa temática e que tem me ajudado a traçar aproximações e distanciamentos em relação ao meu campo empírico. Ademais, tais trabalhos têm me auxiliado a perceber como não estou “inventando a roda”, sentimento muito comum quando iniciamos uma nova pesquisa.

O segundo ponto que gostaria de destacar diz respeito ao desafio de pesquisar turismo – e sua relação direta com o movimento – em meio a uma pandemia, e que envolve refletir sobre método de pesquisa. No início da pesquisa, onde ainda havia certa esperança de realizar trabalho de campo presencial, selecionei duas cidades da serra gaúcha para realizar incursões etnográficas, a saber, Cambará do Sul e Três Coroas. Ambas as cidades têm um forte setor turístico: Cambará do Sul apresenta o maior conjunto de cânions da América Latina e Três Coroas apresenta o maior complexo ecoturístico do Sul do Brasil. Minha proposta era, então, realizar, mesmo que de curta duração, um campo empírico nessas duas cidades para tentar mapear os possíveis efeitos da pandemia na vida de guias turísticos desses municípios. Entretanto, em nenhum momento os impactos da pandemia na vida das pessoas desaceleraram, muito pelo contrário, a pandemia vem, desde o final de 2020, apresentando uma vertiginosa expansão, no caso brasileiro. Como, então, pensar, analisar e escrever sobre turismo sem sair do lugar?

Reavaliando minha pesquisa, iniciei uma aproximação com o campo da antropologia do digital para mapear minhas possibilidades metodológicas. Desde essa aproximação, e atual aprofundamento nos debates do campo, e, tendo em vista que empreendimentos antropológicos em meios digitais já têm sido desenvolvidos a pelo menos duas décadas e assim já indicam um campo seguro e consolidado para pesquisas sociais (Segata & Rifiotis, 2016; Hine, 2015), venho realizando uma etnografia *online* em grupos do *Facebook* cuja temática é o turismo no Rio Grande do Sul, e onde encontram-se profissionais do setor de turismo e turistas. Desde então, tenho estabelecido interlocuções com profissionais do setor e acompanhado as postagens dos grupos na tentativa de mapear alguns dos efeitos da pandemia na vida desses sujeitos. Os fluxos e o movimento foram, metaforicamente, reestabelecidos através das potentes possibilidades que as redes sociais nos permitem. Cito, por exemplo, como tenho conseguido acompanhar profissionais e discussões sobre a pandemia para além dos dois municípios que inicialmente selecionei como campo de pesquisa. Atualmente, portanto, tenho estabelecido conexões com sujeitos de várias regiões do Rio Grande do Sul, o que me possibilita compreender de forma mais complexa e comparativa como a pandemia, embora seja um fenômeno global, se efetiva de maneiras diferentes em contextos locais diversos (Segata, 2020). Certamente, essa minha escolha metodológica implica em perdas também, pois, por exemplo, os famosos imponderáveis da vida (Malinowski, 2018) não podem ser observados como prescreve o autor. Entretanto, como

destaca a antropóloga Cláudia Fonseca (2004: 11) “não existe método sem calcanhar-de-aquiles”.

Por fim, destaco como conversas com alguns interlocutores e algumas interlocutoras, e as próprias discussões dos grupos de *Facebook*, me ajudaram a compreender a importância de um olhar mais atento para o setor que seja capaz de refletir para além dos efeitos da pandemia unicamente tendo como foco as e os guias de turismo. As micro e pequenas empresas do setor, deixadas à mingua pelo Estado, tem passado, assim, a figurar como um objeto privilegiado de análise em minha pesquisa. Saliento esse ponto como forma de demarcar a importância que os sujeitos com os quais realizamos nossas pesquisas têm em nossas trajetórias de pesquisadores e pesquisadoras. Assim, ao escutar esses sujeitos sobre a necessidade de incluir as micro e pequenas empresas em minha etnografia pude ser capaz de abrir novamente meu horizonte teórico-analítico, passando a visualizar, por exemplo, como um discurso marcadamente individualizante e meritocrático tem sido reforçado pelo Estado brasileiro, no caso do turismo, como forma de superar a pandemia. Logo, a partir disso, tenho estabelecido profícuos diálogos com os trabalhos de Wendy Brown (2019) e Pierre Dardot & Christian Laval (2016) e suas discussões e análises sobre uma racionalidade neoliberal contemporânea.

Considerações sobre esse percurso

Tomando como fio condutor minha própria experiência enquanto um jovem pesquisador, busquei apresentar nesse breve texto alguns dos desafios enfrentados ao se iniciar uma pesquisa. Claro que a narrativa aqui apresentada tem certa especificidade, já que se relaciona com a trajetória acadêmica de uma pessoa em particular. Entretanto, tece algumas considerações que podem vir a dialogar com as experiências de outros jovens pesquisadores e pesquisadoras que também estão em processo de iniciar sua trajetória. Assim, ao apresentar alguns dos momentos e sentimentos que enfrentei – e venho enfrentando – ao longo da condução de minha etnografia de mestrado, como os sentimentos de angústia e conforto, ou as reviravoltas teórico-metodológicas, tive como objetivo tentar demonstrar como o processo de pesquisar pode ser árduo, conflituoso e aflitivo, mas, ao mesmo tempo, quando encontramos nosso caminho, à nossa maneira, esse processo pode ser uma grande experiência de aprendizado e de alegria.

Bibliografia:

BROWN, Wendy. (2019). *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia.

COUSIN, Saskia; APCHAIN, Thomas. (2019). Turismo e antropologia: um tango da alteridade. En: Patrícia Ramiro (Org.). *Turismo e Antropologia – Coletânea franco brasileira* (pp. 13-40). João Pessoa: Editora da UFPB

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.

DAS, Veena. (2020). Encarando a Covid-19: Meu lugar sem esperança ou desespero. *Revista Dilemas, seção reflexões na pandemia (texto 26)*, 1-8. <https://www.reflexpandemia.org/texto-26>

FAVRET-SAADA, Jeanne. (2005). Ser afetado. *Cadernos de Campo*, 13, 155-161. <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263/54376>

FONSECA, Cláudia. (2004). *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Segunda edição.

HARAWAY, Donna. (2008). *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

HINE, Katherine. (2015). *The ethnography for internet: embedded, embodied and everyday*. London: Bloomsbury.

INGOLD, Tim. (2015). *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes.

INGOLD, Tim; VERGUNST, Jo. (2008). Introduction. En: Tim Ingold y Jo Vergunst (Ed.) *Ways of walking: Ethnography and Practice on Foot* (pp. 1-19). Surrey: Ashgate

JOSEPH, Handerson (2020). Diáspora. En: Federico Neiburg (Org.). *Conversas etnográficas* (pp. 229-259). Belo Horizonte: Papéis Selvagens.

KUSCHNIR, Karina. (2016). Antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 5(2), 5-13. <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1095>

MALINOWSKI, Bronislaw. (2018). *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Ubu Editora

PEREIRO, Xerardo; FERNANDES, Filipa. (2018). *Antropologia e Turismo: Teorias, métodos e praxis*. Tenerife: Colección PASOS Edita.

RAMIRO, Patrícia. (2019). Olhares antropológicos sobre o turismo: discussões preliminares. En: Patrícia Ramiro (Org.) *Turismo e Antropologia – Coletânea franco brasileira* (pp. 7-11). João Pessoa: Editora UFPB.

SEGATA, Jean. (2020). Covid-19, biossegurança e antropologia. *Horizontes antropológicos*, 57, 275-313. <https://journals.openedition.org/horizontes/4476>

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (Orgs). (2016). *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Brasília: ABA.

TAUSSING, Michael. (2011). *I Swear I saw this: drawings in fieldwork notebooks, namely my own*. Chicago: University of Chicago Press.

TONIOL, Rodrigo; STEIL, Carlos. (2016). *Nos rastros da natureza: a conversão da experiência rural em ecológica a partir de uma política de estado*. Curitiba: Appris.

TSING, Anna. (2019). *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: IEB Mil folhas